

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VENDA NOVA DO IMIGRANTE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS

ELIZABETI DA SILVA CARNIELLI

**UMA ANÁLISE DA VEROSSIMILHANÇA NA OBRA *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE
BRÁS CUBAS*, DE MACHADO DE ASSIS**

VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES

2023

ELIZABETI DA SILVA CARNIELLI

**UMA ANÁLISE DA VEROSSIMILHANÇA NA OBRA *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE
BRÁS CUBAS*, DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Letras - Português do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito parcial para a obtenção do título de graduação.

Orientador: Prof.^a. Ma. Nathália Primo Patrício

VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES

2023

(Biblioteca do Campus Venda Nova do Imigrante)

C289a Carnielli, Elizabeti da Silva.

Uma análise da verossimilhança na obra Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis / Elizabeti da Silva Carnielli. - 2023.
50 f..

Orientador: Nathália Primo Patrício

TCC (Graduação) Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, Licenciatura em Letras Português, 2023.

1. Assis, Machado de, 1839-1908 - Crítica e interpretação. 2. Assis, Machado de, 1839-1908. Memórias póstumas de Brás Cubas. 3. Verossimilhança. I. Patrício, Nathália Primo. II. Título III. Instituto Federal do Espírito Santo.

CDD: 869.09

Bibliotecário/a: Eliana Bedim Teodoro Moulin Zampirolli CRB6-ES nº 799



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VENDA NOVA DO IMIGRANTE

ANEXO V

FORMULÁRIO DE PARECER DA APRESENTAÇÃO FINAL DO TCC II

O(A) discente Elizabeti da Silva Carnielli

Apresentou a versão final do TCC com o título **Uma análise da verossimilhança na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis*** ao Curso de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo – Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito para aprovação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso.

O trabalho obteve nota **98** com o seguinte parecer:

Aprovação, sem reservas, do Trabalho de Conclusão de Curso.

Aprovação somente após satisfazer as exigências pré-determinadas, no prazo fixado pelo Regulamento (não superior ao término do período letivo).

Reprovação o Trabalho de Conclusão de Curso.

Nathália Primo Patrício

Assinatura do(a) Orientador (a)

Venda Nova do Imigrante, 07 de dezembro de 2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar gratidão a todos que contribuíram com o meu percurso escolar até ingressar no curso Superior de Licenciatura em Letras - Português. Em especial, à minha orientadora, Nathália Primo, pelo apoio, paciência e dedicação para a realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais e à minha irmã, que sempre me apoiaram a continuar estudando, mesmo diante de momentos desafiadores.

Aos meus professores, aqueles que sempre estiveram disponíveis para responder minhas dúvidas.

Aos colegas que trocaram experiências e conhecimentos ao longo desta jornada.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram para a escrita deste projeto. Muito obrigada!

Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes. (Machado de Assis, 2012, p.95).

RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar a construção da verossimilhança no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, cuja análise possibilitou uma melhor compreensão da obra e do autor, contribuindo, assim, para os estudos de uma obra relevante das literaturas em língua portuguesa. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica acerca do conceito de verossimilhança, das estruturas narrativas e, por conseguinte, uma análise da referida obra literária. Utilizou-se, principalmente, como fundamentação teórica, os autores: Aristóteles no livro *Da Arte Poética* (2016), Tzvetan Todorov (2006) com *As estruturas narrativas* e Antonio Candido (1976) em *A personagem de ficção*, além de outras obras que compõem a fortuna crítica de Machado de Assis. Por meio deste trabalho foi possível perceber que a verossimilhança não se trata de um simples elemento que se possa isolar do restante do livro analisado, mas encontra-se entrelaçada de várias formas na estrutura narrativa da obra, conectada em seus elementos que, juntos, colaboram para a grande expressividade do texto e seu sentimento de verdade.

Palavras-chave: Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. verossimilhança.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the construction of verisimilitude in the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)* written by Machado de Assis, whose analysis enabled a better understanding of the work and the author, thus contributing to the studies of a relevant work of literature in Portuguese. To this end, we investigated the concept of verisimilitude through a bibliographical review, narrative structures, and therefore, an analysis of the aforementioned literary work. The following authors were mainly used as a theoretical foundation: Aristotle in his book *Da Arte Poética* (2016), Tzvetan Todorov (2006) with *The narrative structures*, and Antonio Candido (1976) in *The fictional character*, in addition to other works that make up the critical fortune of Machado de Assis. Through this work, it was possible to realize that verisimilitude is not a simple element that can stay isolated from the rest of the book analysis, but it is intertwined in various ways in the narrative structure of the work, connected in its elements that, together, collaborate for the expressiveness of the text and its feeling of truth.

Keywords: Machado de Assis. *The Posthumous Memoirs of Bras Cubas*. verisimilitude.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A VEROSSIMILHANÇA NA LITERATURA E NA OBRA	9
2..	O ENREDO DE MPBC E A HISTÓRIA DO BRASIL	14
2.2	O VEROSSÍMIL NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS	15
2.3	O CONTEXTO HISTÓRICO NA OBRA MACHADIANA	21
3	ANÁLISE DA OBRA	24
3.1	VEROSSIMILHANÇA VERSUS REALISMO	24
3.2	A METALINGUAGEM NA OBRA	29
3.3	APROXIMAÇÃO COM O LEITOR	32
3.3.1	O narrador personagem	33
3.3.2	A provocação ao leitor	38
3.3.3	A verossimilhança e a reflexão	42
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46

1 INTRODUÇÃO

O material de estudo deste trabalho é uma história narrada por um morto na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas (MPBC)*, escrita por Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). A escolha deste livro partiu inicialmente pela impressão de realidade que seu discurso literário emana, como um paradoxo que, embora possua muitos indícios de metalinguagem ao referir-se à literatura, também consegue exprimir reflexões a respeito do ser humano e da sociedade como se fosse uma biografia e um retrato de uma época e de seus valores.

Segundo Saraiva e Cunha (2012, p.184), a análise literária “permite que o leitor estabeleça relações entre ficção e realidade, o que é importante não só para a compreensão, mas também para a contextualização do texto [...]”, fator que auxilia a compreensão acerca das personagens e das críticas à sociedade.

No que tange à metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, para Severino (2007, p.117), “a ciência se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos”. Portanto, com base neste autor, o presente trabalho classifica-se como uma pesquisa explicativa, de cunho bibliográfico e natureza qualitativa, a qual partiu de uma revisão bibliográfica sobre como a verossimilhança se apresenta na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

O estudo utilizou como *corpus* de análise a versão do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pertencente à coleção Leitura literária da Autêntica Editora, de 2012, organizado por Letícia Malard, que faz comentários, esclarecimentos do vocabulário, e notas de referências. A respeito da base teórica, vale mencionar a relevância dos autores: Aristóteles no livro *Da Arte Poética* (2016), Tzvetan Todorov (2006) com *As estruturas narrativas* e Antonio Candido (1976) em *A personagem de ficção*.

Inicialmente, foi feita uma revisão sobre o conceito de verossimilhança na literatura e como esse conceito se apresenta no livro em questão. Posteriormente, foi realizada uma análise literária que se deteve nos seguintes pontos: a verossimilhança *versus* o realismo e os elementos que fazem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* uma obra verossímil.

2 A VEROSSIMILHANÇA NA LITERATURA E NA OBRA

A impressão de realidade, na literatura, pode ser conceituada como *verossimilhança*, aspecto esse estudado desde a antiguidade, por ser um elemento que se relaciona com a própria definição de literatura. Na Grécia antiga, os filósofos Platão (427-347 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C) apresentavam posturas diferentes quanto à literatura: se para Platão o fazer literário era uma atividade de imitação (*mimese*) da realidade, para seu discípulo Aristóteles, a literatura era um caminho para interpretar o mundo real.

Assim como explicita Maria Helena da Rocha no prefácio do livro *Poética* (2008), Platão condenava as imitações (tragédias) por acreditar que essas afastaram da verdade, enquanto Aristóteles percebia na literatura possibilidades, sendo o conceito de verossímil, aparência de verdadeiro, presente na obra *Da arte Poética* (2016) como capacidade de representar aquilo que é possível dentro do enredo.

Dessa forma, Aristóteles coloca como parâmetro da verossimilhança ao conceituá-la não pela relação com a verdade da realidade, mas pela possibilidade de aparência de verdadeiro por seguir a lógica interna do texto. Em outro trecho, deixa mais evidente essa sua visão sobre a literatura como possibilidade (do que poderia acontecer) ao diferenciar o poeta e o historiador.

O historiador e o poeta não diferem pelo facto de um escrever em prosa e o outro em verso [...] Diferem é pelo facto de um relatar o que aconteceu e outro o que poderia acontecer. Portanto, a poesia é mais filosófica e tem um carácter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História o particular (Aristóteles, 2008, p. 54).

Embora o trecho faça menção diretamente à poesia, é possível identificar certa analogia com relação à prosa, que é o destaque deste trabalho, sobretudo tendo em vista que a literatura, como um todo, demonstra esse carácter de expressividade do universal, independentemente da forma como é estruturada.

O interesse pela relação entre literatura e realidade que já se apresentava nos filósofos gregos, é uma questão que perpassa a história dos estudos literários, como a noção de verossimilhança. Segundo Amaral (2015), enquanto o verossímil de

Aristóteles aproxima-se da coesão discursiva de manter a estrutura interna coerente, na atualidade, o conceito abarca além da verossimilhança interna, também a sua forma externa de utilizar referências reais do mundo do leitor.

Nesse sentido, a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* demonstra ser um bom *corpus* de análise por possuir uma verossimilhança amparada tanto pela coerência interna quanto pela externa ao utilizar fatos históricos em seu enredo. Além de ser narrada por um personagem morto, o que, à primeira vista, pode parecer destoante pelo elemento fantástico, a própria obra é um exemplo de como se faz críticas por meio das contradições.

Além disso, o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) possui um texto repleto de ironia, múltiplos significados e diálogos com o leitor. Diante de várias outras obras, esta chama a atenção dos seus leitores não apenas por estar muito à frente de seu tempo ou por ter sido escrita por um dos autores brasileiros mais geniais, mas também pela sua verossimilhança diante, principalmente, dos contextos históricos e culturais da época.

O escritor Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, e um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Nascido no Rio de Janeiro, de pai negro e mãe portuguesa, enfrentou a pobreza, a gagueira, a epilepsia, e ser negro numa sociedade escravocrata. Pouco se sabe sobre seu nível de escolaridade, acredita-se que tenha estudado com um padre, embora adulto não tenha declarado ter religião. Publicou seu primeiro texto aos quinze anos quando começou a trabalhar na imprensa e a partir de então continuou escrevendo.

Considerado genial pela sua escrita, que fascina de diferentes formas, entre elas como valorizar a experiência de leitura, o tom crítico no retrato social e psicológico, e também, como traça Bosi (1994), pela sua riqueza de experimentação de técnicas e de noções literárias sobre como a construção da personagem refletem as contradições humanas.

Machado descobriu, antes de Pirandello e de Proust, que o estatuto da personagem na ficção não depende, para sustentar-se, da sua fixidez psicológica, nem da sua conversão em tipo; e que o registro das sensações e dos estados de consciência mais díspares veicula de modo exemplar algo que está aquém da persona: o contínuo da psique humana (Bosi, 1994, p.180).

O romance publicado em 1881, foi considerado “o ponto mais alto da prosa realista brasileira” e o “divisor de águas” da escrita machadiana conforme as palavras de Alfredo Bosi no livro *História Concisa da Literatura Brasileira* (1994). O realismo surge como movimento literário caracterizado pela tentativa de reproduzir a realidade com objetividade. Opondo-se ao idealismo do romantismo, o realismo procurava representar a sociedade como ela é, sem utopias, num contexto de crescimento do cientificismo, declínio da economia açucareira e da ascensão do capitalismo.

A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas (Bosi, 1994, p.177).

Entretanto, embora a obra seja considerada por muitos como realista, ainda persiste um debate a respeito dessa nomeação. Como no estudo de Cavalcanti (2018), que evidencia a crítica machadiana contra o realismo antes da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (doravante *MPBC*). O trabalho de Koch (2005) também traz essa visão, mas de continuidade da crítica de Machado de Assis, como crítico literário, mesmo em *MPBC* que seria para a autora uma manifestação do escritor em relação ao Realismo.

A respeito dessa questão, o presente trabalho parte da interpretação de que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* representa a perspectiva de Machado de Assis sobre o Realismo. Por conseguinte, relacionar a realidade com a ficção nessa obra traz caminhos para interpretar outros pontos de vista sobre a história do Brasil e os valores culturais que ainda influenciam na realidade presente. São muitos os estudos que merecidamente reconhecem e enfatizam o valor da literatura, seja pelo seu teor intelectual, reflexivo, dialógico ou cultural, isto é, todas as razões interligam-se à realidade, o que possibilita um maior aprendizado.

Com o intuito de refletir sobre como a realidade se manifesta na ficção, Dering e Silva (2016, p.37) expõem “que as experiências reais se confundem e se misturam num processo de criação e descobertas da própria vida”, durante a produção textual, em que a “literatura, mesmo enquanto texto ficcional, não se limita a mera representação da vida, mas dialoga com ela e dela faz parte, assim como seus sujeitos” (Dering; Silva, 2016, p.41).

Ao mencionar sujeitos faz lembrar que quem escreve, escreve de um lugar, de um contexto que influencia a obra e que, por sua vez, possibilita conhecer múltiplos pontos de vista e interpretar valores da sociedade. Entretanto, uma questão relevante quanto ao verossímil, isto é, a aproximação com a realidade, diz respeito aos elementos fantásticos que talvez anulariam a possibilidade de o que está escrito parecer verdade. Dessa forma, surge a dúvida: poderia haver verossimilhança em uma história com elementos fantásticos, impossíveis na realidade?

Para responder essa questão se faz relevante diferenciar o fantástico do inverossímil, e para isso vale trazer a definição desses conceitos por dois autores. Segundo Todorov (2006), o fantástico diz respeito à incerteza que causa no leitor quanto à possibilidade de se tratar de um fenômeno sobrenatural ou da imaginação. Como explica o autor: “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (Todorov, 2006, p.148). Ele diz, ainda, que:

[...] a narrativa fantástica. Esta se caracteriza não pela simples presença de acontecimentos sobrenaturais, mas pela maneira como os percebem o leitor e as personagens. Um fenômeno inexplicável acontece; para obedecer a seu espírito determinista, o leitor se vê obrigado a escolher entre duas soluções: ou atribuir esse fenômeno a causas conhecidas, à ordem normal, qualificando de imaginários os fatos insólitos; ou então admitir a existência do sobrenatural, trazendo pois uma modificação ao conjunto de representações que formam sua imagem do mundo. O fantástico dura o tempo dessa incerteza; assim que o leitor opta por uma ou outra solução, desliza para o estranho ou para o maravilhoso (Todorov, 2006, p.191-192).

Dessa forma, o fantástico refere-se a incerteza em relação ao sobrenatural acontecer no mundo real e não exatamente a fuga da realidade. Podendo uma história ser verossímil com elementos fantásticos, pelo conceito de verossímil

apresentado por Aristóteles referir-se a coerência dentro do texto, nesse sentido o inverossímil seria a incoerência.

Assim como para Candido (1976), que embora geralmente consideramos o inverossímil como o que seria impossível na realidade, pode-se notar que: “na vida tudo é praticamente possível; no romance é que a lógica da estrutura impõe limites mais apertados, resultando, paradoxalmente, que as personagens são menos livres, e que a narrativa é obrigada a ser mais coerente do que a vida” (Candido, 1976, p.23).

No passado, um texto era mais verossímil por fazer sentido dentro da obra, embora essa premissa não tenha mudado na atualidade, a questão passou a ser o quanto da realidade a obra captura ou mesmo representa. Vale recordar que a própria obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* possui como elemento fantástico o fato de ser narrada por um morto, o que não a impede de possuir verossimilhança, aproximação com a realidade.

Para Reyes (2008), a verossimilhança em *MPBC* acontece pela organização textual tão bem elaborada que faz as palavras parecerem capazes de interpretar fielmente pensamentos e sentimentos, decorrentes de um processo que cria a sensação de reconhecimento com outra pessoa.

Desse modo, as inferências reflexivas do narrador e seu jeito de provocar o leitor são aspectos constituintes para a impressão de realidade, como se estivéssemos conversando com Brás Cubas, em "tempo real", ao passo que lemos sua narrativa e ele (autor e personagem fictício) nos acompanha explicando a construção de seu livro com uso da metalinguagem.

Se a impressão de realidade para Reyes (2008) é mais decorrente da organização interna, para Saraiva e Werlang (2016), faz-se muito importante articular o estudo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* com os momentos históricos para melhor compreensão dos significados presentes na narrativa.

Em comum, os autores enfatizam o processo de identificação do leitor na construção da obra, mas por caminhos diferentes. Enquanto Reyes (2008) relaciona os aspectos do texto, os quais provocam a identificação com o personagem fictício como se estivéssemos "ouvindo" uma outra pessoa contar sua experiência, Saraiva e Werlang (2016) debruçam-se sobre o aspecto do romance de usar como pano de fundo os acontecimentos históricos do Brasil.

Dessa maneira, Saraiva e Werlang (2016) enfatizam mais a verossimilhança externa, ao elaborarem um quadro relacionando os acontecimentos do enredo com os fatos históricos da época do contexto da obra, mostrando uma implícita relação entre as fases de vida de Brás com os acontecimentos históricos do Brasil.

2.1 O ENREDO DE *MPBC* E A HISTÓRIA DO BRASIL

O ponto de análise proposto por Saraiva e Werlang (2016) se mostra bastante pertinente para esta pesquisa. Com relação aos fatos históricos que ocorreram no Brasil no início do século XIX, eles elaboram um quadro comparativo que resgata elementos da narrativa lado a lado ao contexto histórico do país, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – O enredo de *MPBC* e a história do Brasil

Edição	Narrativa	Contexto histórico
1ª	Nascimento, 1805.	Brasil colônia; família real chega em 1808.
2ª	Infância e Adolescência, de 1806 a 1814.	Queda de Napoleão Bonaparte. (1814)
3ª	Primeira paixão (Marcela), 1822	Independência do Brasil.
4ª	Volta ao Brasil, depois de uma década de estudos na Europa, (em torno de) 1832.	Regências.
5ª	Reencontro com Virgília e relação amorosa entre dois, iniciada em 1842 Brás com 37 anos	Segundo Reinado.
6ª	Noivado e morte de Eulália. - Reencontro com Virgília, aos 50 anos de Brás. 1855. Aparecimento, na narrativa, do Humanitismo.	Primeira entrada da febre amarela.
7ª	Morte de Brás Cubas, 1869.	Manifesto republicano, 1870; lei do Ventre Livre, 1871.

Fonte: Saraiva; Werlang, 2016.

Assim, os autores ao colocarem em paralelo os acontecimentos históricos com o enredo do romance *MPBC*, interpretam, por exemplo, que a própria morte de Brás Cubas seria uma representação da situação política do Brasil. Nesse sentido, o personagem pertence a uma classe social privilegiada que entra em crise com o movimento em direção à República e à abolição da escravidão, fatos históricos que, vale destacar, aconteceram em datas próximas da morte do protagonista.

Em outra perspectiva, Santos (2022) ao analisar *MPBC*, associa verossimilhança à escrita do Realismo. Escrita essa que não idealiza as personagens, e sim recorda a vida comum, o que serve para evidenciar os problemas da sociedade. Como exemplo disso, o autor analisa a postura de Machado em relação à escravização no romance *MPBC*, tema que aparece como elemento secundário representado principalmente na figura de Prudêncio.

2.2 O VEROSSÍMIL NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS

A impressão que fica da leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é a percepção de que cada personagem da obra representa um problema da sociedade ao mesmo tempo que consegue ser complexo e não mera caricatura. Para Cordeiro (2006), em seu estudo sobre as personagens de Machado de Assis, afirma que o autor se preocupava em relação a definir os contornos estéticos de seus personagens a partir da noção de carácter, deixando o enredo como plano de fundo.

[...] a poética defendida por Machado é aquela baseada na dramatização da vida interior, capaz de penetrar os desvãos da alma humana, de sondar as contradições e os conflitos íntimos, tal como podemos encontrar em sua obra de ficção. (Cordeiro, 2006, p.279).

Sobre representar os problemas da sociedade, pode-se relacionar a influência realista da época, que segundo Bosi (1994, p.169) buscava desnudar “as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima” dissecando os modos de ser das personagens movidos por causas naturais ou culturais. Assim, como também afirma Bosi (1994), pesava nas personagens um determinismo fatural advindo do contexto do século XIX, que embora houvesse o crescimento das ideias liberais, os artistas se viam impotentes diante da realidade.

Esses aspectos, nota-se em *MPBC*, na descrição da miséria humana, os quais podem ser notados em todas as personagens de diferentes formas, abarcando as contradições e os problemas sociais. Dentre as personagens, esse aspecto parece mais marcante na figura de Prudêncio e nas mulheres que foram paixões de Brás Cubas.

Desde criança, o personagem Prudêncio é atormentado de várias formas pelo menino Brás, que o vê como um animal, o chamando de "besta" ou menos como um objeto. Um exemplo disso, é quando Brás e sua irmã o mencionam na discussão sobre a separação da herança: “- Livre? Como seu pai arranjava estas coisas cá por casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata... creio que não libertou a prata?” (Assis, 2012, p.120).

Em toda a obra de *MPBC*, a escravização aparece como algo normal da época, os escravizados só são mencionados para servir e nas partes em que são associados a pobres e ladrões nos pensamentos de Brás, que preocupa-se com a possibilidade de eles revelarem seu caso de adultério de Virgínia.

Para Santos (2022), Machado de Assis procurou fazer o retrato daquela época evidenciando que o escravizado não tinha direito à voz e estava presente apenas para trabalhar e servir, de forma que a crítica se apresenta com a dose de ironia pelo desfecho de Prudêncio reproduzir a maldade sofrida ao se tornar um “senhor de escravos”, como era chamado na época.

Em uma outra interpretação, o mesmo capítulo também pode representar que Machado de Assis trouxe a figura de Prudêncio em seu desfecho como ser humano, mesmo sendo tratado pior que um animal a vida toda, como homem que sofreu e sentiu raiva pelo mundo e acaba extravasando seu sofrimento no outro. Uma possível leitura para estas atitudes pode ser observada a partir da seguinte reflexão:

Étienne de La Boétie, filósofo francês, no Discurso da Servidão Voluntária, nos dá uma explicação. Segundo o filósofo, quando os homens são castigados, ao invés de reprovarem a atitude, de maneira inexplicável eles acabam absorvendo esse comportamento e reproduzem o mal sofrido por seus agressores assim que surge uma oportunidade (Boétie, 2001 *apud* Santos, 2022, p.54).

Assim, percebe-se que a escravização na história do Brasil afetou muito todo o desenrolar da cultura brasileira, tendo seus reflexos socioculturais evidentemente explicitados na literatura de diversas formas e, infelizmente, até atualmente, ainda encontrados no dia a dia por meio do racismo e da marginalização do negro.

Vale destacar que *MPBC* foi publicado em 1881 e em 1888 houve a Lei Áurea, – lei promulgada no Brasil em 13 de maio de 1888 que aboliu oficialmente a escravidão no país – ou seja, as datas não são distantes e ainda assim o personagem que viveu de 1805-1859 mostra como ninguém estranhava a “escravidão” e sim a consideravam normal.

Como aponta Santos (2022, p.54) “As pessoas estavam reunidas em praça pública. Todos olhavam, mas ninguém fazia absolutamente nada, pois era considerada uma prática “normal” para seus dias, um senhor castigar seu escravo publicamente”. E completa trazendo a consideração de Carvalho (2011):

Esses dados são perturbadores. Significam que os valores da escravidão eram aceitos por quase toda a sociedade. Mesmo os escravos, embora lutassem pela própria liberdade, embora repudiassem sua escravidão, uma vez libertos admitiam escravizar os outros. Que os senhores achassem normal ou necessária a escravidão, pode entenderse. Que libertos o fizessem, é matéria para reflexão (Carvalho, 2011, p. 49 *apud* Santos, 2022, p.54).

Esse ponto dentre outros da obra se relacionam e passam a imagem de que o ser humano escolhe ignorar o que não lhe afeta, ao privilegiar interesses próprios ao invés do bem do próximo, visão essa que em parte pode responder como o preconceito ainda continua nos dias de hoje.

Os autores Saraiva e Cunha (2012) também destacam esse aspecto de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* quando analisam os significados dos objetos e do cenário que representa a sociedade do Rio de Janeiro do século XIX. Segundo esses autores, “Machado manifesta a crítica à sociedade, mostrando que os indivíduos se preocupam com aparências e com sua realização pessoal, deixando os ideais coletivos de lado” (Saraiva; Cunha, 2012, p.188).

Isso é algo que se pode observar na maioria das personagens, principalmente em Brás Cubas, que passa toda a sua vida querendo ser reconhecido e fazendo escolhas com base em seus desejos, numa moral que varia a depender da situação. Essa moral é explicada na teoria de Brás como “lei da equivalência das janelas”, que varia a depender das circunstâncias e que se faz boas ações para mediar as más.

De acordo com Saraiva e Cunha (2012), a literatura como arte remete ao seu contexto histórico de produção ao mesmo tempo que fornece uma visão geral sobre o ser humano. A aproximação com o real, por sua vez, possibilita uma maior chance de interpretar o modo de ser das personagens e da visão crítica do escritor.

A respeito da verossimilhança, para esses autores, essa se faz na obra *MPBC* pela descrição de lugares reais, localizados na cidade do Rio de Janeiro, tais como a Rua dos Ourives, a Praia de Botafogo, a chácara do Catumbi, a casa da Gamboa. Cada um desses lugares, além de trazerem referências reais na estrutura da narrativa, servem de significação quanto à visão do ser humano, como sua valorização aos bens materiais na riqueza da chácara do Catumbi, e a preocupação com as aparências na casa da Gamboa.

Essa desvalorização pode ser notada não somente na figura do negro no personagem Prudêncio, como também nas mulheres, que quase sempre aparecem relacionadas a ambiente domésticos e o que delimitava sua liberdade, pois as ruas e os lugares públicos eram locais destinados aos homens brancos e aos escravizados. Como os autores comentam; “a vida social das mulheres era restrita aos espaços domésticos, às comemorações religiosas, aos teatros, e só andavam pelas ruas do Rio de Janeiro para fazer compras.” (Saraiva; Cunha, 2012, p.194).

Segundo Gomes e Barros (2019), as personagens femininas de *MPBC* são marcadas pelo elemento trágico, por não haver possibilidade baseada apenas em suas escolhas, demarcadas pelo papel social de estarem sob a autoridade masculina para serem aceitas na sociedade. Ainda assim, as autoras elogiam o fato de Machado de Assis ter conseguido retratar que essas mulheres possuem opiniões, poucas escolhas e desejos.

O artista, de modo geral, por não concordar com a realidade opressora em suas diversas modalidades, inclusive com a que se refere à mulher, não pode simplesmente ignorá-la e construir um mundo utópico no qual a mulher (estamos falando da mulher oitocentista) possua direitos iguais aos do homem e os exerça de modo sancionado pela sociedade. Para não incorrer nesse delírio, Machado faz suas personagens femininas ‘tirarem da manga’ o recurso da dissimulação, o qual lhe permite negar a condição de objeto a elas imposta e se afirmar enquanto sujeito de seus desejos (Zolin, 1994, p. 17 *apud* Gomes; Barros, 2019, p.80).

Ao olhar para o enredo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pode-se perceber que cada paixão de Brás (Marcela, Eugênia, Virgília, Eulália) parece significar um caminho, como afirma Gomes e Barros (2019, p.79): “De certo modo, a imagem positiva dos homens na sociedade dependia da posição das mulheres e da sua conduta [...] “significavam um capital simbólico importante” e a sociedade tinha os olhos voltados para elas[...]”.

Dessa forma, Marcela, o primeiro amor de Brás, que poderia representar a vida em busca de prazer, vai para além dessa caricatura, mostrando-se como uma mulher desamparada por não achar casamento vantajoso, busca no dinheiro o conforto que o casamento forneceria. Como a sua relação não era benéfica para Brás Cubas, sua família o envia para estudar em Coimbra e quando a reencontra, por ela não reter a beleza de outrora não interessa a Brás que só vê suas bexigas: “[...] e eis me surge o passado, ei-lo que me lacera e beija; ei-lo que me interroga, com um rosto cortado de saudades e bexigas...” (Assis, 2012, p.113).

Quanto à sua segunda paixão, Eugenia, chamada por Brás de “flor da moita” e “Vênus Manca”, também o encanta pela sua beleza e compostura. Mas, por ela ser vista como filha fora do casamento, fruto do caso de Vilaça com Dona Eusébia, descrito no capítulo “Um episódio de 1814”, mais do que por ser manca, não seria motivo de inveja, de forma que Brás logo desiste dela.

O capítulo “A propósito de botas” evidencia a miséria de Eugênia; “foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que vieste também para esta outra margem” (Assis, 2012, p.108).

A terceira paixão e a que Brás demonstra mais sentimento, foi aquela que sentia por Virgília, que representava para ele a ascensão social e política. Sendo filha de um proeminente político, escolheu por um marido que lhe forneceria maior prestígio social, casando-se com Lobo Neves.

Entretanto, Virgília torna-se amante de Brás pela paixão que sugere depois no reencontro, mas devido a carreira de seu marido o caso de adultério termina. Virgília dentre as outras personagens parece a menos infeliz, até que se percebe no início do livro quando diz que ela se tornará “uma imponente ruína” para sempre presa ao círculo das aparências: “- Estou velha! Ninguém repara em mim. Mas, para cortar dúvidas, virei com o Nhonhô” (Assis, 2012, p.38).

A quarta paixão mencionada por Brás, parece mais uma última tentativa de se casar do uma que paixão verdadeiramente. Seguindo os conselhos de sua irmã Sabina, Brás pensa em se casar com Eulália, uma jovem moça que morre de febre amarela antes do matrimônio. Representando as jovens que não eram ricas e precisavam casar-se com homens mais velhos e ricos, demonstra preocupação com as aparências de como Brás julgaria sua família que não era abastada, de modo que tentava compensar demonstrando dotes como saber cantar ao piano, sua morte parece mais trágica por morrer nova e na visão de Brás sem utilidade:

[...] da epidemia que, matando à direita e à esquerda, levou também uma jovem dama, que tinha de ser minha mulher; não cheguei a entender a necessidade da epidemia, menos ainda daquela morte. Creio até que esta me pareceu ainda mais absurda que todas as outras mortes (Assis, 2012, p.224).

Outra personagem feminina que representa a miséria humana está na figura de Dona Plácida, que no capítulo 74, conta para Brás sua história que esteve trabalhando desde os 10 anos de idade, casou-se aos 15 e logo ficou viúva com uma filha e sua mãe cansada para sustentar, a mãe morreu e sua filha a abandonou. Conseguiu trabalho com a família de Virgília, mas no fim teve que aceitar ser cúmplice no caso de adultério de Virgília, aceitou o dinheiro de Brás e desse dinheiro conseguiu casar novamente, porém, em vez de trazer felicidade, seu marido roubou seu dinheiro e fugiu. No capítulo 75, Brás reflete a existência de Dona Plácida da seguinte forma:

Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia (Assis, 2012, p.161).

Dessa forma, nota-se que as personagens trazem profundidade por cada uma delas estarem situadas em um contexto que as condiciona, seja pelo racismo, pela classe social, pelo gênero, ou pela pobreza. Esses aspectos fazem de *MPBC* uma forma de recordar os problemas da realidade e refletir sobre a vida em sociedade, o que colabora para a construção da verossimilhança na narrativa, ligando-se a ficção à realidade que também acontece nas referências extratextuais.

2.3 O CONTEXTO HISTÓRICO NA OBRA MACHADIANA

A relação entre ficção e realidade apresenta-se como base que ampara o convincente, a aparência de verdadeiro da literatura. Nesse sentido, as referências extratextuais contribuem para o verossímil em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que Machado de Assis, conforme já pontuado, faz um retrato histórico, político e geográfico como plano de fundo da obra.

O trabalho de Muniz (2021), em sua análise da obra *MPBC*, considera como pontos marcantes do livro: a crítica à sociedade da época, a ironia, a melancolia e a forma inusitada da escrita machadiana. Assim, Muniz (2021, p.117), afirma que tratar “da obra de Machado de Assis, principalmente de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é falar da época em que a obra foi escrita, o período de tempo em que a história se passa” e o que ela significou para a literatura brasileira.

Por conseguinte, vale retomar alguns aspectos sobre o Realismo, movimento literário que se insere no contexto de escrita de Machado de Assis, sendo visto muitas vezes como uma resposta ao Romantismo, movimento anterior que trazia uma outra visão sobre o ser humano e a sociedade. No Brasil, o Romantismo de 1836 a 1881, foi um momento marcado pelas ideias de Independência, de ascensão

da burguesia, que resultaram nos sentimentos de nacionalismo, de idealização e com a fuga da realidade.

O Realismo, de 1881 a 1902, foi um período marcado por tensões políticas do reinado de Dom Pedro II (1840-1889) entre liberais e conservadores. Nessa fase de choques entre esses dois lados, crescia a necessidade de pensar a realidade. Assim, os realistas viam a literatura como meio de representar o real com ânsia de fazer críticas por meio de personagens comuns, a fim de detectar os vícios da sociedade (Muniz, 2021, p.117-120).

Torna-se pertinente destacar que em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis traz o contexto do século XIX no Rio de Janeiro como pano de fundo de seu enredo. Entretanto, não se pode assumir que apenas por esse motivo o romance seria considerado realista, no sentido estrito da palavra, sendo um grande fator para essa afirmação sua escrita inusitada, um aspecto das experimentações dos realistas.

Todavia, se para os realistas havia a necessidade de um texto exacerbado de descrições, em *MPBC*, Machado caracteriza bem com poucas palavras, capítulos curtos e com muita intertextualidade, para conseguir criar a sensação de que aquela história guarda verdades nas reflexões sobre a vida e a sociedade. Como exemplo disso, no capítulo “Bem-aventurados os que não descem”, pode-se perceber a intertextualidade com o texto bíblico *Bem-aventuranças ou Felicidades* (Mateus, II, 5), em que Brás faz uma paródia a fim de enfatizar que o ser humano representado por ele prefere seguir seus desejos:

— O senhor desce amanhã? Disse-me ela no sábado.

— Pretendo.

— Não desça.

Não desci, e acrescentei um versículo ao Evangelho: — Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças (Assis, 2012, p.104)

Sobre a escrita inusitada de Machado de Assis na obra *MPBC*, Muniz (2021) declara que o leitor precisa ficar atento para perceber as insinuações e críticas que aparecem de forma camuflada, em que nem tudo é o que parece ser, de modo que

as ideias podem ser melhor compreendidas quando o leitor passa a conhecer o contexto da obra, por esta trazer as perspectivas daquele tempo e o caráter universal sobre sua visão do homem.

Além disso, o autor considera Machado de Assis um mestre em provocar o leitor pela forma de narrar, rica em ironia, metalinguagem, quebras de expectativas, e muito humor, levando o leitor a refletir sobre as hipocrisias humanas por meio de inúmeros recursos estilísticos.

Em suma, os estudos utilizados nesta pesquisa demonstram que a verossimilhança na obra *MPBC* encontra-se entrelaçada a vários elementos da obra, conforme já mencionado anteriormente, e não apenas no nível interno de coerência ou externo das referências exteriores presentes no texto. A escrita do autor usa diferentes artimanhas desde o plano de fundo histórico, a retratar nas personagens os vícios da sociedade, como a trazer reflexões por meio das contradições da vida pública e particular, além do uso da metalinguagem que provoca o leitor e o leva a uma leitura consciente.

3 ANÁLISE DA OBRA

A primeira parte deste trabalho se debruçou sobre uma revisão de literatura acerca dos estudos da verossimilhança na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Contudo, mesmo após revisar o tema, torna-se relevante enfatizar mais uma vez o porquê de investigar a verossimilhança nessa obra, narrada por defunto autor, como também para esclarecer quais pontos a análise tratará.

A escolha de *MPBC* ocorreu por recordar uma biografia e por discutir o fazer literário, a partir do narrador que aproxima-se do leitor e não se mostra nem bom, nem mau, apenas humano. Assim, a verossimilhança da obra faz-se em seus aspectos de reflexão, sejam eles da literatura, da sociedade ou da vida individual.

A verossimilhança é um elemento que ajuda a perceber o quanto uma história é convincente, conversa com a realidade e atinge o leitor. Pois bem, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* destaca-se nesses três aspectos, seja pela forma narrada de humor irônico ou mesmo pelo cenário que transmite os valores de uma época, além de sua maneira de provocar o leitor.

Antes de explanar os principais elementos responsáveis pela verossimilhança, um outro ponto se sobressai na análise desta obra: trata-se de compreender o Realismo e a verossimilhança a partir de suas diferenças. O porquê disso deve-se ao fato de que, ao traçarmos diferenças entre tais aspectos, será possível visualizar melhor quais papéis esses elementos assumem dentro de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

3.1 VEROSSIMILHANÇA VERSUS REALISMO

O início da diferença entre o realismo e a verossimilhança começa pela definição de ambos. Nesse sentido, enquanto o realismo refere-se a um movimento estético que segue a tendência de colocar em evidência a capacidade humana de reproduzir a realidade; a verossimilhança diz respeito a um elemento literário que parte do pressuposto de criar a “aparência de verdade”, o que não significa copiar o real, mas convencer que tais palavras poderiam ser verdadeiras.

No estudo de Gumbrecht (2018), sobre o Realismo Brasileiro, para explicar a instabilidade formal observada nos romances realistas ao longo do século XIX, o autor discorre sobre o problema filosófico que dominaria gradualmente a vida cultural e várias profissões: “a mente humana é suficientemente equipada para produzir uma imagem apropriada do mundo à sua volta (e do qual ela também é parte)?” (Gumbrecht, 2018, p.5).

Dessa questão, Gumbrecht (2018) discorre que o texto se tornou objeto de experimentação na tendência realista, aspecto esse que também pode ser identificado na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Por exemplo, o uso de vários gêneros como um capítulo em formato de epitáfio, outro escrito pontilhado, capítulos que variam de tamanho desproporcionalmente, como a escrita inusitada que surpreende o leitor. Entretanto, como pontua Gumbrecht (2018), não há fontes disponíveis que confirmem o interesse de Machado de Assis pelo Realismo Europeu.

O debate sobre Machado de Assis ser considerado um adepto da tendência Realista persiste até os dias atuais. O trabalho de Cavalcanti (2018) que trata sobre a crítica machadiana ao romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, demonstra como o autor desaprovava a tendência realista em 1878, em que Machado faz a seguinte afirmação: “Porque a nova poética é isto, e só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha” (Assis, 2011, p. 29 *apud* Cavalcanti, 2018, p.4).

Embora a perspectiva de Machado possa ter mudado, o que explicaria os aspectos realistas na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicada posteriormente em 1881, existe uma outra explicação defendida por alguns teóricos, que veem a continuidade da crítica machadiana ao Realismo. De acordo com Koch (2005), a obra *MPBC* seria “uma sátira de projetos políticos que estavam sendo enunciados na época, especificamente daqueles formulados a partir da base epistemológica realista [...]” (Koch, 2005, p.18).

Para defender sua interpretação da obra, Koch (2005) argumenta sobre o jogo textual de Machado de Assis em *MPBC* ser uma sátira para criticar os intelectuais que defendiam a subordinação dos estudos literários brasileiros à teoria política adotada naquele momento, a qual tinha grande influência do positivismo, o que poderia incorrer na redução da Literatura a mera utilidade de tentar inculcar valores.

Dessa forma, em seu artigo *Memórias póstumas de Brás Cubas: intertextualidade para discutir o Realismo* (2005) a autora traz a perspectiva de *MPBC* como manifestação crítica do autor contra a Estética Realista, chamada por Machado de Assis de “*poesia científica ou poesia didática*” em 1879. A autora contextualiza o momento de criação da obra como de busca por encontrar utilidade na literatura, nesse sentido, a obra *MPBC* seria uma manifestação em defesa da autonomia da literatura.

A postura de Koch (2005) apresenta-se interessante, pois ao se presumir *Memórias Póstumas de Brás Cubas* tratar-se de uma sátira, explicaria as características da obra que rompem com as adotadas pela tendência Realista. Além de outros aspectos de *MPBC* que coincidem com o estilo literário sátira, no que tange a liberdade de escrita, o tom de ironia, as críticas aos costumes e comportamentos, como os valores da época.

Diante dessas perspectivas, também pode-se perceber que é possível interligá-las, a chegar à seguinte hipótese: poderia sim, a obra *Memória Póstuma de Brás Cubas* ser uma sátira contra o Realismo e ao mesmo tempo ser Realista? Bem, essa interpretação se torna possível se considerarmos que, por meio da sátira, Machado dialoga com a estética realista adotando algumas características, tais como, a caricatura de suas personagens, o uso de personagens comuns, o fim da idealização do romantismo, a experimentação do texto, fazer um retrato da realidade da época, entre outras.

Assim, é possível, ainda, entender esse diálogo com as estéticas realistas, como um certo caráter de subversão provocado pela sátira, já que o autor se utiliza daquilo que é inerente ao movimento para, também, criticá-lo.

A presença dessas características realistas é responsável pela obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ser considerada o marco inaugural do realismo no Brasil. Por outro lado, pode-se notar outras características contrárias a essa tendência estética, tais como: a subjetividade da escrita em primeira pessoa, a preferência pela não objetividade por meio das divagações e o fato de privilegiar a narração ao invés do enredo, a escrita que foca no “essencial”, optando por fazer omissões ou o uso de ambiguidades, em vez do forte apego às exaustivas descrições do realismo. Esse último aspecto pode ser observado no trecho abaixo:

Não, não direi que assisti às alvoradas do romantismo, que também eu fui fazer poesia efetiva no regaço da Itália; não direi coisa nenhuma. Teria de escrever um diário de viagem e não umas memórias, como estas são, nas quais só entra a **substância da vida** (Assis, 2014, p.84, grifo nosso).

Assim, a resposta à pergunta anterior poderia ser que Machado teria inventado seu próprio "Realismo" e por meio de *MPBC* pontuou sua visão do que o realismo deveria buscar. Isso faria sentido considerando a fala do autor quando diz: “la-me esquecendo uma bandeira hasteada por alguns, o realismo, a mais frágil de todas, porque é a negação mesma do princípio da arte” (Assis, 1879, p. 3 *apud* Cavalcanti, 2018, p.5).

Nessa fala, Machado de Assis considera como defeito do Realismo buscar copiar a realidade, quando a literatura é uma arte dotada de autonomia (princípio da arte) que não precisa se prender a mera cópia. Além da impossibilidade do empreendimento que fica claro em outra fala: “O realismo não conhece relações necessárias nem acessórias, sua estética é o inventário” (Assis, 1879, p.14 *apud* Cavalcanti, 2018, p.5).

Desse modo, essas críticas podem ser notadas em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pela escrita que procura dizer muito com poucas palavras ao invés do exagero nas descrições e no que se refere à inventividade do texto, sinalizando que toda obra literária possui seu lado inventado por mais realístico que tente ser.

Ainda assim, as críticas aos vícios da sociedade são um elemento que Machado de Assis reaproveita do Realismo. Um exemplo está no apego às aparências, como

quando o pai de Brás faz um banquete para comemorar a queda de um ditador, mas na verdade queria mostrar a riqueza de sua família e o apoio à família real portuguesa que havia fugido de Portugal por causa de Napoleão.

Ao adentrar na questão do Realismo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, pode parecer que pouco tem a ver com o conceito de verossímil. Entretanto, até o momento que se percebe que os elementos presentes na obra – responsáveis pela sensação de verdade, sentimento de realidade, em outras palavras, a verossimilhança – usam além das características do realismo, também os aspectos contrários a essa tendência estética.

Dessa maneira, a verossimilhança no livro *MPBC* advém tanto dos aspectos do realismo, como dos aspectos contrários a ele, em que Machado de Assis parece enfatizar que o que faz uma obra literária verossímil é seu valor literário de dialogar com a realidade e não de copiá-la.

Discorrido sobre como a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* constrói sua verossimilhança amparada pelo diálogo com a realidade, fazendo uso não apenas de características do Realismo, como também de seus aspectos contraditórios a ele, seguimos para tratar da análise dos elementos verossímeis, os quais possuem poder de persuasão e criam o sentimento de verdade.

Desse ponto, a presente análise partirá dessa inferência relacionando os principais elementos da verossimilhança encontrados na obra a como estes colaboram para o diálogo com a realidade. Além disso, a análise também fará uso das críticas percebidas por Cavalcanti (2018) de Machado contra o realismo, a fim de apresentar tanto as características do realismo percebidas em *MPBC* como as contrárias, que colaboram para o verossímil.

Podemos enumerar como os principais elementos responsáveis pela verossimilhança: o diálogo com o realismo, a metalinguagem, o narrador que provoca o leitor, a narração em primeira pessoa, o plano de fundo histórico e a reflexão.

3.2 A METALINGUAGEM NA OBRA

À primeira vista, a metalinguagem pouco ou nada parece ter a ver com a aproximação com a realidade, com a função de destacar a própria linguagem ou código. Entretanto, o texto de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* faz frequente uso desse recurso chamando atenção para o seu processo de escrita, sem deixar de lado sua relação com a realidade.

Segundo Malard (2012), em termos linguísticos, a metalinguagem é um discurso da língua sobre a língua, no caso da literatura, "refere-se aos comentários que o narrador ou o autor fazem sobre sua própria narrativa, saindo da história para interferir diretamente no processo de construção" (2012, p.260).

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* esse fenômeno ocorre várias vezes, ao ponto de o narrador até comentar a inutilidade de algum capítulo, o desânimo de escrever, faz sugestões para o leitor saltar capítulos e depois voltar a lê-los, declara que não vai escrever um triste capítulo e o compõe com anotações que usaria, além da maneira que adjetiva as próprias ações das personagens, como no capítulo "A propósito das botas" que refere-se ao seu silêncio quanto a pergunta do pai "Deixe-o nessa **reticência**, e fui descalçar as botas" (Assis, 2012, p.107, *grifo nosso*).

A questão que se fica é como se faz possível um texto que enfatiza seu aspecto fictício de ser literatura, conseguir ao mesmo tempo lembrar a realidade? Indo além da visão de AMARAL (2015), sobre a relação explícita do mundo como referencial do texto, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, podemos perceber duas explicações plausíveis do porquê a obra conseguir usar esse recurso estilístico a favor da verossimilhança.

A metalinguagem se faz presente no livro desde seu começo como no primeiro capítulo "Óbito do autor" e na carta inicial *Ao leitor* que antecede a obra, as palavras do narrador são claras: "O que não admira, nem provavelmente contestará é que este outro livro não tiver cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito dez. Dez? Talvez cinco" (Assis, 2012, p.25). Ou como em outro trecho que traz: "[...] não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor,

para quem a campa foi berço, a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo" (Assis, 2012, p.27).

Analisando os trechos mencionados acima pode-se notar a metalinguagem em relação à literatura de duas formas, a primeira refere-se a se assumir como livro e evidenciar a intertextualidade mencionando outros autores ao mesmo tempo que se aproxima da realidade do leitor ao citar escritores reais. Isso acontece quando o narrador deixa claro que se trata de uma obra "este outro livro" e cita nomes de escritores e obras literárias, o que também ocorre em outros casos como no capítulo "Óbito do autor" que menciona o livro e o compara com Moisés:

Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim [...] Moisés, que também contou a sua morte, não pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o *Pentateuco* (Assis, 2012, p.27).

Quanto à segunda forma, diz respeito ao uso da metalinguagem para sinalizar a literatura como forma de dialogar, não apenas pelo tom, mas indicando que se trata de literatura como um veículo de comunicação. Esse uso da metalinguagem cria o efeito de uma leitura consciente de que se trata de uma leitura, a qual possui intenções de dizer algo e não de se perder na fantasia, além de levar a uma aproximação com o leitor pela impressão de se preocupar com quem está lendo.

Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões; e nós não somos um público *in-folio*, mas in-12, pouco texto, larga margem, tipo elegante, corte dourado e vinhetas... Não, não alonguemos o capítulo. (Assis, 2012, p.85).

Para Lima (2012, p.10), a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* utiliza a tendência do romance inglês do século XVIII de Fielding e Sterne do fim do século XVIII e início do XIX, do francês Xavier de Maistre. Escritores os quais colocavam em evidência o caráter estético da linguagem.

Além disso, a metalinguagem também ampara outros elementos que poderiam afetar o verossímil, mas pelo contrário consegue demonstrar que estes pouco contribuem para ser convincente. Como exemplos, pode-se citar o fato da narração não ser linear cronologicamente ao começar pela morte da personagem, saltar

episódios, ter um defunto-autor como narrador e por vezes como chama Lima (2012, p.12) “trocar o importante pelo insignificante”.

Todos esses aspectos se fazem verossímeis exatamente pela metalinguagem de assumir-se como literatura livre das amarras da realidade e ainda capaz de dialogar com o real.

Ademais, pode-se inferir que o uso da metalinguagem também foi uma forma de Machado de Assis responder contra Realismo, voltando a sua crítica de que os realistas estavam negando o princípio da arte ao tentarem copiar a realidade. Quando a literatura possui sua autonomia e não se reduz a uma mera cópia, como explicita a autora: “Machado sabe, e assim bem nos ensina, que a Literatura não se submete à prova da realidade, instaurando um mundo autônomo, com regras próprias” (Lima, 2012, p.17).

Portanto, a metalinguagem do livro parece ter como objetivo principal enfatizar a importância e autonomia da literatura. Ao mesmo tempo, a metalinguagem colabora para a verossimilhança, em que Machado parte de uma verdade maior para convencer o leitor (que se trata de um livro), em vez de escrever de forma que se esqueça que é uma história inventada.

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* enfatiza-se, portanto, como literatura, discutindo sua edição e chamando atenção do leitor para uma leitura consciente de que o texto é um discurso o qual fica para o leitor o papel de conseguir decifrar suas intenções.

Há aí, entre as cinco ou dez pessoas que me lêem, há aí uma alma sensível, que está decerto um tanto agastada com o capítulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugênia, e talvez... sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame cínico. Eu cínico, alma sensível? Pela coxa de Diana! esta injúria merecia ser lavada com sangue, se o sangue lavasse alguma coisa nesse mundo (Assis, 2012, p.105).

Assim, o leitor é levado a acreditar no narrador, não por pensar se tratar de uma história verídica, mas uma história inventada por alguém que usa da literatura para dialogar. O próprio texto de *MPBC* é construído de forma dialógica com um narrador

em primeira pessoa que o tempo todo está chamando a atenção do leitor. Algo que já foi mencionado neste trabalho, essa forma de escrita dá a sensação de estarmos ouvindo Brás no tempo presente, numa escrita consciente, sendo esse um outro ponto do verossímil: fazer o leitor lembrar-se da realidade.

A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se idéia fixa. Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour; foi a idéia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que Bismarck não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna loureira (Assis, 2012, p.33).

3.3 APROXIMAÇÃO COM O LEITOR

Um outro elemento que a presente análise considera um dos mais importantes para a verossimilhança no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, trata-se dos mecanismos de aproximação com o leitor, dentre os quais mais se destacam: a narração em primeira pessoa, o narrador que provoca o leitor, o plano de fundo histórico e as reflexões sobre a vida e a sociedade.

Partindo do conceito de verossímil como um efeito de aparência de verdadeiro, um sentimento de verdade, em outras palavras, ser convincente ao ponto de recordar a realidade ou mesmo pensar em sua possibilidade, são aspectos que diretamente buscam alcançar o leitor.

Segundo Candido (1976, p.1), dentre os elementos do romance seria a personagem que possui maior probabilidade de gerar adesão afetiva e intelectual por meio dos processos de identificação com o leitor. Para o autor, a personagem é o elemento que parece mais vivo, por ser o mais comunicativo e que só adquire significado dentro da estrutura do romance.

Além disso, Candido (1976) destaca que a personagem sendo um ser fictício, sua existência parece ser paradoxal de não existir e existir. Sobre isso relaciona-se ao verossímil quando diz que a "verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial" (Candido, 1976, p.4).

Dessa consideração, Candido (1976, p.4) argumenta a existência de um “certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” Da afirmação do autor, também podemos considerar que se a personagem seria a grande catalisadora da aproximação com o leitor, surge então, uma personagem com mais força ainda de atração, sendo por meio dela que o leitor conhece a história e toda a estrutura que a sustenta, trata-se do narrador personagem.

3.3.1 O narrador personagem

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, existe exatamente o uso deste recurso, o personagem narrador, em que a adesão afetiva inicia-se pelo narrador personagem Brás Cubas, o qual possui a personificação mais humana por deixar transparecer em seu discurso suas falhas como a de outras personagens. Nota-se seu egoísmo, a relatividade moral, o forte desejo de reconhecimento, valor das aparências, entre outras falhas humanas.

Tais características podem ilustrar os seguintes episódios: quando Brás Cubas, sendo egoísta, faz dívida no nome da família para comprar o amor de Marcela, ou quando desiste de Eugênia por ela se coxa, também quando vira amante de Virgília mesmo ela casada com Lobo Neves. O personagem age com uma moral que varia ao entregar na polícia meia dobra de ouro perdida, mas depois em outra situação guarda para si ao encontrar quantia maior de cinco contos de réis. Além de seu forte desejo por reconhecimento que se percebe no Emplasto Brás Cubas, ideia que tivera objetivando a fama ao criar um remédio, mesmo sem ter conhecimento nessa área.

Assim, o leitor conhece Brás Cubas que por estar morto afirma narrar sua história com franqueza e se não assume seus defeitos, os deixa transparecer pelo seu discurso ou no contraste de seus pensamentos e de sua prática. Nesse aspecto, vale lembrar que uma das características dos realistas, era ir contra a idealização do romantismo, como quando por meio da metáfora Brás mostra essa mudança de tendência literária no capítulo XIV- “O primeiro beijo”:

Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeira e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros (Assis, 2012, p.64).

Por outro lado, a presença do narrador personagem indica afastamento de Machado de Assis sobre a tendência realista, pois os realistas ao procurarem reproduzir a realidade de forma objetiva, desvalorizavam o subjetivo numa aparente neutralidade do narrador que tudo descreve. Isso pode ser evidenciado por Cavalcanti (2018), quando aponta a crítica de Machado de Assis à poesia de Alberto de Oliveira, a qual descreveria segundo o autor os elementos do mundo sem ligá-los ao subjetivo.

Dessa perspectiva, Cavalcanti (2018, p.6) afirma que “o tema central da literatura e da arte, para Machado de Assis, deve ser o desenvolvimento do aspecto moral e da consciência dos personagens”. Visão essa que também aparece quando Machado critica a construção da personagem Luísa da obra *O primo Basílio*: “Para que Luísa me atraia e me prenda é preciso que as tribulações que a afligem venham dela mesma; seja uma rebelde ou uma arrependida, tenha remorsos ou imprecações; mas, por Deus! Dê-me sua pessoa moral” (Assis, 2011, p. 33 *apud* Cavalcanti, 2018, p.9).

Essas críticas demonstram como Machado de Assis valoriza o subjetivo na construção da personagem e considera importante que a personagem atraia o leitor. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o escritor apresenta essa sua visão crítica ao fazer de Brás Cubas um personagem que mesmo morto deixa transparecer seus sentimentos por meio do seu discurso.

Exemplo disso ocorre quando o defunto embora narre seu enterro com animação parece estar na verdade indignado com o fato de ter sido acompanhado por apenas “onze amigos” e tenta esconder sua tristeza e orgulho ferido justificando que chovia no dia, o que seria o motivo de ter poucas pessoas e por não ter tido anúncio. Mesmo que não diga claramente que se importava, pode-se inferir que continua demonstrando o contrário ao mencionar seu amigo que fizera o discurso movido por dinheiro, como se enfatizar que as pessoas agem pelos interesses, de modo que

não precisava lamentar a falta de pessoas em seu enterro, pois essas não seriam sinceras.

Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: – “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável [...] Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei (Assis, 2012, p.28).

Assim, como na construção moral do personagem mostrando sua natureza desde a infância mimado pelos pais, o que leva a ser farrista na adolescência gastando dinheiro com Marcela e durante sua vida adulta ser marcada por buscar amantes. Além de almejar conquistas, mas sem colocar esforço para alcançar, como nos casos; do casamento com Virgília, o cargo político, o seu jornal que seria a forma de se vingar por não ter tido sucesso na carreira política, o seu Emplasto Brás Cubas, remédio que almejava inventar, entretanto em nenhum momento demonstrou ter conhecimento nessa área.

Além disso, a figura do narrador personagem também pode ser vista como maneira de enfatizar suas críticas ao realismo, seja por seu narrador afirmar ser um defunto ou por parecer demonstrar que a maior impressão de realidade emana de uma visão subjetiva. Em que o subjetivo parece revelar mais verdades pelo discurso do narrador que não traz a história como verdade completa, mas que pode variar a depender de quem a conta e como. Postura contrária a dos realistas que buscavam descrever objetivamente e com fatos irrefutáveis, o que se pode notar na citação abaixo:

Para produzir o efeito que ele persegue, isto é, a emoção da simples realidade, e para extrair o ensinamento artístico que dela deseja tirar, isto é, a revelação do que é verdadeiramente o homem contemporâneo diante de seus olhos, ele deverá empregar somente fatos de uma verdade irrecusável e constante (Prefácio de Pierre et Jean, 1887 *apud* Todorov, 2006, 169-170).

Candido (1976) também discorre sobre essa noção de a arte parecer mais completa;

É como se chegássemos ao fim de um livro e aprendêssemos, no conjunto, todos os elementos que integram um ser. Por isso, em certos casos extremos, os artistas atribuem apenas à arte a possibilidade de certeza, — certeza interior, bem entendido. É notadamente o ponto de vista de Proust, para quem as relações humanas, os mais íntimos contatos de ser, nada mostram do semelhante, enquanto a arte nos faz entrar num domínio de conhecimentos absolutos (Candido, 1976, p.12).

Entretanto, Candido (1976) também expõe que a impressão de realidade de uma obra advém da escolha dos traços: “Neste ponto tocamos numa das funções capitais da ficção, que é a de nos dar um conhecimento mais completo, mais coerente do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres” (Candido, 1976, p.12).

Dessa forma, o autor sinaliza para o fato de que nossa percepção da realidade também é falha para captar a totalidade de tudo. E se pensarmos em *MPBC*, poder-se-ia dizer que a obra considera isso e segue por um outro caminho que a faça convincente, em vez de tentar descrever tudo da realidade, foca a atenção no meio de captá-la, simulando assim, os pensamentos da consciência humana. Sendo nessa obra, um dos segredos de sua impressão de verdade, seria recordar a consciência humana, pois é por meio dela que podemos interpretar o mundo.

Ademais, a falha é algo presente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como elemento que faz lembrar da realidade, ao invés de um narrador que traga verdades, Machado de Assis, faz o leitor ter que descobrir nas pistas dadas pelo narrador personagem que fornece da mesma maneira de quando conversamos com outra pessoa.

Dessa maneira, as perspectivas de Candido e Machado parecem similares, “Na medida em que quiser ser igual à realidade, o romance será um fracasso; a necessidade de selecionar afasta dela e leva o romancista a criar um mundo próprio, acima e além da ilusão de fidelidade” (Candido, 1976, p.15).

Ambos concordam sobre a necessidade de a literatura ser autônoma. Desse ponto, a figura do defunto autor ganha mais força chamando atenção do texto para o caráter fictício da literatura, por conseguinte seu valor inventivo ao usar o fantástico como possibilidade de visualizar outros pontos de vista. Assim, se o defunto autor

nega o realismo, também contribui para a reflexão sobre a realidade ao tratar de dois opostos ao mesmo tempo, a vida e a morte.

Para Todorov (2006), as histórias contadas em primeira pessoa facilitam a identificação afetiva do leitor com a personagem, como também contribuem para o verossímil pela palavra do narrador-personagem carregar “características dúbias”.

Habitualmente, as histórias de fantasmas são contadas na primeira pessoa. Isto permite uma identificação fácil do leitor com a personagem (esta representa o papel daquele); ao mesmo tempo, a palavra do narrador-personagem possui características dúbias: ela está para além da prova da verdade, enquanto palavra do narrador, mas deve submeter-se a essa prova, enquanto palavra da personagem. Se o autor (isto é, um narrador não-representado) nos diz que viu um fantasma, a hesitação não é mais permitida; se uma simples personagem o faz, pode-se atribuir suas palavras à loucura, a uma droga, à ilusão, e a incerteza perde novamente sua vez. Em posição privilegiada com relação aos dois, o narrador-personagem facilita a hesitação: queremos acreditar nele, mas não somos obrigados a fazê-lo (Todorov, 2006, p.193).

Sendo assim, o leitor não se vê obrigado a acreditar no narrador por esse poder se tratar de um mentiroso, o que geralmente ocorre na realidade de não confiarmos 100% no outro. Dessa maneira, o leitor continua a ler para descobrir a verdade daquela história e não a verdade relacionada ao real, mas numa postura semelhante de poder julgar por si mesmo se a história faz sentido, é esse fazer sentido que a fará parecer que poderia ser verdade.

Em outra fala, Todorov (2006) evidencia que não haveria necessidade de perguntar se o fantasma realmente existiu, apontando que o relevante para o leitor é a história fazer sentido como se fosse a verdade que alguém acredita:

A verdade é sempre particular, é a verdade de alguém; por conseguinte, perguntar se “esse fantasma existe verdadeiramente?” não tem sentido, desde que ele exista para alguém. Nunca se atinge a verdade absoluta, o padrão de ouro se perdeu, estamos condenados a nos limitar a nossas percepções e a nossa imaginação — o que, de resto, não é tão diferente (Todorov, 2006, p.197-198).

Portanto, o narrador personagem desempenha um relevante papel na aproximação do leitor, principalmente no caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Utilizando de um discurso que lembra alguém contando uma história por parecer que está conversando com o leitor, deixa transparecer suas falhas de caráter como sujeito de

escolhas, também por não se prender a idealização, além de conseguir ser coerente e utilizar o fantástico tanto para provocar o leitor, como para fazê-lo refletir sobre a vida humana individual e em sociedade.

3.3.2 A provocação ao leitor

O ato de provocar o leitor aparece várias vezes no livro *MPBC* de modo a colaborar para uma leitura consciente. Nesse ponto não se trata apenas da forma de narrar em primeira pessoa, mas de todos os aspectos do texto que de alguma maneira chamam a atenção do leitor.

Desde o início da obra, o narrador recusa contar como foi possível escrever no mundo dos mortos, fazendo o leitor curioso imaginar como teria sido, e ainda, ameaça o leitor de dar um "piparote" caso não goste do livro.

Além disso, Brás Cubas começa apresentando sua obra ao público numa postura de escritor que vende seu produto, dizendo que poucos o leram, o que pode ser um recurso de persuasão de certo ângulo de valorizar algo raro ou mesmo desdenhar para atizar a curiosidade, ou ainda de demonstrar consideração com o cliente – o leitor – ao preferir um prólogo direto e curto.

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte e, quando muito, dez. Dez? Talvez cinco.[...] Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo.[...] Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo (Assis, 2012, p.25).

Em outros momentos da obra, pede ao leitor que julgue por si mesmo, como quando apresenta sua ideia fixa de fazer o emplasto e o que motivou sendo á glória, a qual apresenta as duas opiniões diferentes de seus tios sobre o amor à glória; o tio cônego que via como "perdição das almas" e o tio oficial militar que considerava normal da feição humana buscar glória, pedindo assim, que o leitor escolha qual definição prefere.

Nos capítulos seguintes o narrador várias vezes deixa o leitor curioso ao começar a contar algo e não continuar dizendo que contará depois, como quando inicia descrevendo seu cunhado Cotrim, mas termina dizendo: "Mas não antecipemos os sucessos" (Assis, 2012, p.33) e segue para próximo capítulo. Outro caso diferente ocorre no capítulo "O delírio", no qual o narrador aconselha o leitor que não aprecia a narração de "fenômenos mentais" a saltar essas páginas, mas enfatiza que este seria interessante ler mesmo que não tenha interesse nesse assunto.

Para Lima (2012), a obra *MPBC* frustra o leitor ao começar a história pelo final, por outro lado, ao preferir a narração do que o enredo, torna "o contar" da narrativa mais importante do que a matéria narrada. Subverte o tempo cronológico e dá valor ao insignificante, numa liberdade de escrita que utiliza várias estratégias de escrita inusitada, como anedotas, reflexões, disparates, digressões, entre outras.

Nas palavras da autora: "O narrador Brás Cubas prevê as reações que provocará em seu leitor e logo as contraria, ridicularizando-as. A prática, que tenta a paciência do leitor desacostumado, avisa que a obra não é um romance comum" (Lima, 2012, p.13).

Ora, enquanto eu pensava naquela gente, iam-me as pernas levando, ruas abaixo, de modo que insensivelmente me achei à porta do hotel Pharoux. De costume jantava aí; mas, não tendo deliberadamente andado, nenhum merecimento da ação me cabe, e sim às pernas, que a fizeram. Abençoadas pernas! E há quem vos trate com desdém ou indiferença. Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta, zangava-me quando vos fatigáveis, quando não podíeis ir além de certo ponto, e me deixáveis com o desejo a avoaçar, à semelhança de galinha atada pelos pés (Assis, 2012, p.150-151).

No capítulo "As pernas", por exemplo, o narrador deixa de lado o enredo e divaga sobre a importância das pernas, o que faz o texto provocar uma quebra de expectativa humorada e atentar o leitor para o que poderia interpretar desse capítulo. Assim, ele deixa este leitor na dúvida de que mesmo que pareça ridículo poderia haver uma mensagem a mais, como inferir que na verdade Brás pouco se preocupava se haviam pessoas sabendo que ele era amante de Virgília, como se esse capítulo servisse para desmentir sua fala anterior mostrando sua despreocupação.

Por conseguinte, percebe-se que em *MPBC* o narrador exige que o leitor fique atento tanto ao enredo como à forma que é dita, pelo tom que às vezes, carrega exagero ou mesmo ironia, pois o personagem Brás Cubas não fornece todas as informações objetivamente, mas deixa a encargo do leitor juntar as peças e interpretar suas intenções.

Brás Cubas não nos conta tudo, deixa o leitor tirar suas próprias conclusões, falta no romance esse aspecto de verdade completa citada por Candido (1976). Entretanto, isso não impede de ser convincente, no sentido de que conseguimos visualizar Brás como uma pessoa de sua época aprontando as coisas que disse ter feito em vida. Afinal, na realidade não conhecemos totalmente o outro, apenas podemos julgar com base nas informações que temos e nas que inferimos.

Aspecto esse, também mencionado por Candido (1976) sobre nossa percepção ser fragmentada e por isso na literatura também temos a ilusão de conhecer as personagens por meio dos traços escolhidos pelo escritor: “Daí concluirmos que a noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser, é sempre incompleta, em relação à percepção física inicial. E que o conhecimento dos seres é fragmentário” (Candido, 1976, p.5). Nesse sentido, os processos de percepção da realidade e da literatura assemelham-se ao que faz parecer mais verossímil.

Em *MPBC* sua escrita inusitada também atrai o leitor ao trazer uma forma de escrita diferente do convencional. Os capítulos não são longos e variam de tamanho e estrutura. Como se nota no capítulo “O velho diálogo de Adão e Eva” construído de diálogo sem palavras, marcado apenas por pontuação ou como no capítulo “Fim de um diálogo” que apresenta apenas falas.

Também surpreende o capítulo “Inutilidade” composto apenas por duas linhas que nem precisavam ser escritas, o mesmo no capítulo “De como não fui ministro d’Estado” em que há apenas pontinhos. Assim, os formatos dos capítulos chamam a atenção do leitor como o capítulo “Epitáfio” que informa a morte de Eulália de maneira mais direta e outros que trazem em formato de carta e bilhete. Dessa forma, ao captar a percepção do leitor, faz da leitura mais consciente e recorda as várias formas da língua se expressar na realidade.

Outro exemplo no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que chama a atenção, o qual por sua vez, aproxima o leitor, refere-se a vasta quantidade de intertextualidade que a obra possui. Segundo Malard (2012), a intertextualidade apresenta-se na relação de diferentes enunciados entre si, em que *MPBC*, há riqueza de citações, referências, apropriações, entre outros. Assim, como pode-se notar quando menciona o filósofo grego Aristóteles no capítulo 42, e o filósofo francês Helvetius (1715 -1771).

Outras evidências de intertextualidade merecem destaque, como quando o narrador apresenta elementos que lembram a bíblia, ao citar Moisés, o sofrimento de Job, Adão e Eva, no capítulo “O velho colóquio de Adão e Caim”, assim como, Abraão e o Éden; ou elementos que lembram aspectos mitológicos – da mitologia grega como no capítulo “O delírio” em que cita Pandora, e da mitologia romana, quando cita Vênus, fazendo referência à Eugenia como “Vênus manca”.

Entre tantos outros casos de intertextualidade, como as referências às peças teatrais, como *Hamlet* de Shakespeare (1564-1616) na fala de Cubas “assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet” (Assis, 2012, p.28); a tragédia de *Le Cid* (1636) do francês Corneille (1606-1684) que utiliza um dos versos da peça para nomear o capítulo VI- que traduzindo por Malard (2012, p.36) seria “Ximena, quem o diria? Rodrigo, quem o acreditaria?” Menciona também Lord Byron, poeta inglês, quando Brás descreve brevemente como foi sua estadia em Veneza.

Um outro exemplo de intertextualidade presente na obra *MPBA*, refere-se à construção do plano de fundo histórico no enredo da narrativa. Recordando figuras históricas como Napoleão e o contexto do Rio de Janeiro no período de 1805 a 1869 (período de vida de Brás Cubas).

Segundo Saraiva e Werlang (2016, p.1-2), a narrativa de Machado de Assis é atravessada por menções de caráter historicista que possibilitam “entender certos aspectos da realidade da época vivida pelo escritor, ou mesmo próxima a ele.”

Assim, ilustra-se como; no nascimento de Brás a raiva de seu pai quando seu filho é comparado com Bonaparte, numa raiva criada em defesa de fingir ser da nobreza; a influência da queda de Napoleão no Brasil, representada no banquete feito pela família de Brás; a comemoração a declaração de independência do Brasil na Noite das Luminárias que marca o primeiro encontro de Brás e Marcela; a descrição da sociedade escravocrata da época no enredo; o período de reinado e regências na política; e a epidemia da febre amarela.

Essas referências são um artifício do autor para atribuir verossimilhança aos acontecimentos narrados pelo protagonista - a vida de Brás Cubas, cuja "trajetória existencial (...) coincide com a história do Brasil" (Zilberman, p. 43) - e também para introduzir uma avaliação sobre a realidade. (Saraiva; Werlang, 2016, p.2).

As intertextualidades em *MPBC* são várias e estas provocam o leitor para que descubra a que o autor está se referindo e, se descobre de onde vem a referência, o sentido do texto ganha mais significado e possibilidade de interpretação. Além disso, a intertextualidade contribui para a verossimilhança, por aproximar o mundo fictício da literatura com referências reais, por conseguinte, aproxima-se do leitor e torna-se mais convincente.

3.3.3 A verossimilhança e a reflexão

O último elemento de análise neste trabalho como um dos principais responsáveis para a construção da verossimilhança do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, trata-se da reflexão, no sentido de que o livro cobra do leitor que pense, em que as respostas não são dadas e sim criam um vasto caminho de possibilidades de interpretação, como da relação com a realidade, de modo a ser persuasivo.

Desse ponto, justifica-se recorrer ao verbo *refletir*, pois este se relaciona de diferentes maneiras com a obra em questão e também com o conceito de verossimilhança. Assim, nota-se que reflexões sobre o livro caminham em duas direções: a primeira de tentar descobrir a verdade do livro, como sua coerência, e a segunda suas verdades ao dialogar com a realidade.

Nessa obra machadiana foi possível identificar várias contradições na conduta das personagens e temas opostos apresentados juntos, estruturas que geram a ironia muitas vezes vista como pessimista pela dominância do determinismo, mas em outras, além de fazer refletir, parecem passar uma lição de vida. Um exemplo está nos capítulos “Desconsolação” e “Formalidade”, os quais demonstram a contradição de Damasceno em parecer mais triste pelo jogo das aparências do que pela morte de sua filha, denotando, assim, a importância das aparências na vida em sociedade;

Amável Formalidade, tu és, sim, o bordão da vida, o bálsamo dos corações, a medianeira entre os homens, o vínculo da Terra e do Céu; tu enxugas as lágrimas de um pai, tu captas a indulgência de um Profeta.[...] Vive tu, amável Formalidade, para sossego do Damasceno e glória de Muamede (Assis, 2012, p.225-226).

Como outras contradições percebidas, podemos recordar três referentes às atitudes de Brás, como ao dizer que se jogaria no mar por não querer deixar Marcela; quando Brás fala que enfrentaria Lobo Neves, mas se esconde na casa da Gamboa, e, no último caso, ao dizer que não visitaria Dona Plácida, mas vai ao seu encontro.

Os três exemplos citados demonstram contradições na conduta de Brás, que se justificam no sentimento e caráter da personagem. No capítulo “A bordo”, seus pensamentos suicidas são deixados de lado ao confrontar com a distração e o medo, sendo Brás um buscador da fama, pode-se inferir que os versos do capitão tenha o distraído e lembrado de seu sonho, o que o leva a dizer: “preferi dormir, que é um modo interino de morrer” (Assis, 2012, p.77).

Logo depois, ao deparar-se com um temporal no mar e a morte da esposa do capitão, seus pensamentos são esquecidos, ao constatar a fragilidade da vida: “Confesso que foi uma diversão excelente à tempestade do meu coração. Eu, que meditava ir ter com a morte, não ousei fitá-la quando ela veio ter comigo” (Assis, 2012, p.78).

No capítulo “Equivalência das janelas”, embora Brás atue como se fosse brigar com Lobo Neves para ficar com Virgília, na verdade demonstra que não estava tão apaixonado por ela ao ter esquecido de encontrá-la no horário certo na Gamboa e por ter dado mais atenção a uma mosca que carregava uma formiga do que à

amante a sua frente. Dessa forma, Brás atua para proteger seu orgulho e manter a fachada de ainda estar apaixonado por Virgília, o que se nota com o fato de que Dona Plácida o deteve com apenas um braço.

Eu deixei imediatamente a alcova, e dei dois passos para sair à rua, com o fim de arrancar Virgília ao marido; foi o que disse, e em bem que o disse, porque D. Plácida deteve-me por um braço. Tempo houve em que cheguei a supor que não dissera aquilo senão para que ela me detivesse; (Assis, 2012, p.200-201).

Sobre a contradição de Brás ir visitar Dona Plácida em seu leito de morte, mesmo dizendo que não iria, infere-se que estava aborrecido na verdade com Virgília, que enviou um bilhete com apenas um pedido e nada mais, além de que a forma que escrevera não deixava nenhum indício do caso que tiveram.

Não era a letra fina e correta de Virgília, mas grossa e desigual; o V da assinatura não passava de um rabisco sem intenção alfabética; de maneira que, se a carta aparecesse, era muito difícil atribuir-lhe a autoria. Virei e revirei o papel. Pobre D. Plácida! Mas eu tinha-lhe deixado os cinco contos da praia de Botafogo, e não podia compreender que...(Assis, 2012, p.240).

Assim, Brás soma seu aborrecimento ao fato de ainda se arrepender de ter dado dinheiro para Dona Plácida, de forma a culpá-la por ter gastado o dinheiro e de levá-lo a fazer o esforço de ir vê-la. Durante a noite sua raiva passa, decide visitá-la a fim de parar de pensar em Virgília e ainda para aliviar a consciência por ter feito dela cúmplice de seu caso com Virgília.

Por certo, vale afirmar que a visão do homem feito de contradições e a posição de duvidar das coisas são traços que pintam o quadro do romance com a impressão de realidade. Como diz Brás " Utilidade relativa, convenho; mas que diacho há absoluto nesse mundo?" (Assis, 2014, p.242). Em uma visão da vida real permeada de incerteza, dos embates entre ideias opostas, sejam elas da moralidade, da razão, dos acontecimentos, dos sentimentos e desejos, enfim da imperfeição humana, movida por interesses que as determinam.

Para Lima (2012), em seu estudo sobre a volubilidade de *MPBC*, afirma que o que seria constante em Brás Cubas seria exatamente sua relatividade. Sendo que as

instabilidades narrativas seriam justificadas por se tratarem de memórias, em que: “A linguagem não se faz transparente para que o leitor contemple o enredo. Está aí muito do caráter da obra, a grande atenção que reserva ao processo narrativo, que, pelo questionamento de si, reinventa a forma e o sentido do romance” (Lima, 2012, p.15).

Talvez seja por isso que em *MPBC*, ao ser narrada em primeira pessoa, além de valorizar o lado subjetivo, Machado também estaria apontando que a verdade é construída pela forma de cada um interpretá-la, e que a dúvida parece ser o melhor caminho de alcançá-la, como a dúvida metódica do filósofo Descartes (1596 - 1650).

Segundo Bosi (1994), o que faz o ponto alto da ficção de Machado de Assis está no fato de trazer a perspectiva “dos homens que, sensíveis à mesquinhez humana e à sorte precária do indivíduo, aceitam por fim uma e outra como herança inalienável, e fazem delas alimento de sua reflexão cotidiana (Bosi, 1994, p.176). Assim, as contradições da história seriam uma forma de levar o leitor a, em vez de ser passivo, tornar-se ativo, ao tentar descobrir como a obra dialoga com a realidade, e quais verdades apontam na crítica sobre a sociedade e o ser humano.

O fato de Brás sempre estar refletindo como indivíduo revendo suas memórias, além de identificação com o personagem fictício que conta sua história, o torna sujeito que constrói seu livro, sua biografia, faz críticas à moralidade humana partindo do singular para o universal. Dessa maneira, Brás apresenta-se como sujeito, “como gente, que também mente”, em outras palavras, desconfiamos do narrador que nos dá o poder de julgamento, assim, o vemos como pessoa e nossa incerteza sobre ele nos faz refletir sobre a realidade.

Além disso, as contradições da obra evidenciam o valor intelectual da literatura desde a reflexão sobre o banal à essência da contradição humana, em que o valor apresenta-se como relativo aos interesses humanos como o caráter às situações, mas que como na literatura, a escolha de como olhar a vida depende do sujeito e no caso da obra do autor. É dessa forma que: “Uma a uma, as frustrações de Cubas em vida se tornam em trapézios para as acrobacias do defunto autor” (Lima, 2012, p.33).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a análise da verossimilhança em *Memórias Póstuma de Brás Cubas*, proporcionou perceber que o verossímil se encontra entrelaçado de várias formas na estrutura narrativa da obra, conectando seus elementos que, juntos, colaboram para a grande expressividade do texto e seu sentimento de verdade.

Foi necessário fazer uma revisão sobre o conceito, que, se na antiguidade relacionava com a coerência externa, na contemporaneidade passou a fazer referência também à relação entre a ficção com a realidade. Além disso, ficou clara a implícita ligação que há em se estudar esse conceito e o valor da literatura, sobretudo nesta obra de Machado de Assis.

Desse modo, os principais elementos que se observou como os responsáveis pela construção da verossimilhança neste livro de defunto autor, que contribuem tanto por serem persuasivos como por dialogarem com a realidade, podem ser descritos como: a coerência interna da obra, a construção de personagens profundos, o plano de fundo histórico, a escrita inusitada, a literatura como forma de dialogar.

Em outras palavras, elementos que se relacionam à metalinguagem, à subjetividade, à aproximação com o leitor, ao papel do narrador personagem, à provocação ao leitor, à leitura consciente, e, por conseguinte, o poder da literatura de nos levar a refletir sobre a realidade e o ser humano.

Nesse sentido, o narrador assumir-se como defunto não impede a verossimilhança da obra, pelo inverossímil não se referir ao fantástico, mas a um elemento que não se encaixou bem com o todo, ao ponto de deixar inexpressivo o sentido do texto, sua coerência. Enquanto o fantástico acontece quando há incerteza sobre os fenômenos sobrenaturais, como o defunto Brás, que em vez de negar a aparência de verdade, assume-se como personagem em um discurso permeado de contradições para lembrar da relatividade existente na vida.

Buscar compreender a verossimilhança levou a entender também a própria definição de literatura como atividade de interpretação do mundo tanto exterior como interior. Sendo autônoma, com leis próprias, a impressão de realidade, o sentimento de verdade apresenta-se por conseguir dialogar, e isso é algo que fica muito claro em *MPBC*, em que o personagem parece, literalmente, conversar com o leitor.

Por fim, o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* parece enfatizar com todas as suas forças o valor da literatura como uma atividade de leitura consciente e crítica, em que Machado de Assis desnuda a hipocrisia humana por meio de um personagem defunto que surge para enfatizar o valor da vida, por meio das contradições.

Ao ver a vida como edições que se corrigem com as versões posteriores e no final que nada resta, pode-se inferir o pessimismo do autor, mas por outro lado, também pode-se notar uma perspectiva sobre a vida como aprendizado, na qual se observam as correções em suas edições e, como um livro, sua importância não estaria no que resta, mas em si mesma.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Carolina Bianco. De um mundo dos possíveis: as atuações da verossimilhança na teoria da literatura fantástica. **Revista Investigações**, v.28, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/483/1420>>. Acesso em 30 de jun. de 2023.

ARISTÓTELES. **Da Arte Poética**: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2016.

_____. **Poética**. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Chapecó, SC: Ed.UFFS, 2020. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4668>>. Acesso em 21 de jun. de 2023.

_____. 1839-1908. **Memórias póstumas de Brás Cubas**; estabelecimento do texto, vocabulário, notas, estudos e comentários de Letícia Malard. - 2.ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2012 (Coleção leitura literária ; 4).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. Editora Cultrix, 1994, ed.41. p.163 - 196.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida Prado; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. Disponível em: <https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=a+personagem+de+fic%C3%A7%C3%A3o+de+antonio+candido&btnG=>>. Acesso em 23 de nov. de 2023.

CAVALCANTI, Lucas de Aguiar. Concepções de realismo na crítica de Machado de Assis a o Primo Basílico. **Garrafa**, v.16, n.45, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/22090/12274>>. Acesso em 27 de out. de 2023.

CORDEIRO, Marcos Rogério. A teoria dos personagens em Machado de Assis. **Portal de revistas da USP- Língua e Literatura**. 2006, v.28. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/114672>>. Acesso em 24 de nov. de 2023.

DERING, Renato de Oliveira; SILVA, Thaís Fernanda. Diálogo entre ficção e realidade: a linguagem literária como uma das representações de mundo. **Revista Anhanguera Goiânia**, v.16, n. 1, jan/dez. p. 36-42, 2016 . Disponível em: <https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/03_dialogo_entre_ficcao_e_realidad_e_2016_36_4.pdf>. Acesso em 21 de jun. de 2023.

GOMES, Evellin Naianna Souza Oliveira; BARROS, Flávia Aninger de. Destinos sem grandeza: a trajetória trágica das mulheres em Memórias Póstumas de Brás Cubas. **Opiniões**, n.14, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/154955>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Realismo na literatura brasileira. Tradução: Nelson Shuchmacher Endebo. **Artefilosofia**, nº 25, 2018, p. 4-11. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/1866/1470>>. Acesso em 27 de out. de 2023.

KOCH, Ana Maria. Memórias póstumas de Brás Cubas: intertextualidade para discutir o Realismo. **Textura**, Canoas, n.12, 2005 p.17-22. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/766/589>>. Acesso em 27 de out. de 2023.

LIMA, Adriana Ribeiro. **A Volubilidade como Princípio de Composição em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”**. 2012, 36 f. Monografia (Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras Departamento de Teorias Literárias e Literaturas, Brasília, 2012. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5123/1/2012_AdrianaRibeiroLima.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MUNIZ, Aline de Assis Rodrigues Amaral. A narrativa de Memórias Póstumas de Brás Cubas. **Mediação**, Pires do Rio - GO, v.16, n.1, 2021, p. 116-127. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/11984/8516>>. Acesso em 21 de jun. de 2023.

REYES, Daniela Piva. A Verossimilhança em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis. **Eutomia- Revista de Literatura e Linguística**. v.1, n.01, 2008, p.614-62. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2017/1572>>. Acesso em 30 de jun. de 2023.

SANTOS, Marcos dos. De Oprimido a Opressor – A Trajetória de Prudêncio, Personagem de Memórias Póstumas de Brás Cubas. **Educação Sem Distância - Revista Eletrônica da Faculdade Unyleya**, [S. l.], v. 1, n. 5, 2022. Disponível em: <<https://educacaosemdistancia.unyleya.edu.br/esd/article/view/127>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SARAIVA, Juracy Ignez Assman; CUNHA, Simone Maria dos Santos. O Rio de Janeiro inscrito em Memórias Póstumas de Brás Cubas. **Gragoatá**, v. 17, n. 33, 31 dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33016/19003>>. Acesso em 15 de jun. de 2023

SARAIVA, Juracy Ignez Assman; WERLANG, Luís André Gonçalves. Percursos da história inscritos em Memórias Póstumas de Brás Cubas. **Repositório Universidade FEEVALE**. 2016. Disponível em:

<[https://www.feevale.br/Comum/midias/3ca73b06-ceca-4cf3-ad3c-52f8f40a8ab6/Per cursos%20da%20hist%C3%B3ria%20inscritos%20em%20Mem%C3%B3rias%20P%C3%B3stumas%20de%20Br%C3%A1s%20Cubas.pdf](https://www.feevale.br/Comum/midias/3ca73b06-ceca-4cf3-ad3c-52f8f40a8ab6/Per%20cursos%20da%20hist%C3%B3ria%20inscritos%20em%20Mem%C3%B3rias%20P%C3%B3stumas%20de%20Br%C3%A1s%20Cubas.pdf)>. Acesso em 21 de jun. de 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Às estruturas narrativas**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Debates; 14 / dirigida por J. Guinsburg).